

# A Fraternidade

ORGAO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

DIRECTOR,  
JOAO DE SOUSA \*

SECRETARIO DA REDACÇÃO,  
FRANCISCO GUIMARAES \*

ADMINISTRADOR,  
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)  
Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.  
Brasil (moeda forte) . . . . . 1200 »

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º  
Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão

Annuncios (Preços convencionaes)  
Não se publicam escriptos que tentem ferir  
qualquer individualidade  
EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

## ESTUDOS PSYCHOLOGICOS

Segue na minha frente um *bonéco* que me causa riso. Traja sobretudo comprido, a que a moda deu o nome de *parisiense*; chapéu de *côco* alto e feio como uma panella que a minha cosinheira comprou ha dias; e nas mãos enfia umas luvas escuras, que o muito uso já mudou de côr. Ha momentos que o venho a analysar cuidadosamente. Acho-o ridiculo e divertido. Não altera o andar, não faz o mais pequenino geito com o corpo. Parece-me uma figura de cêra, assemelha-se totalmente a um perfeito figurino. E' sympathico, tem um perfil attrahente: as damas fitam-o, cubiçam-o, e elle segue inalteravel, sereno como uma imagem em cima d'um andor. Eu continuo a segui-lo, vou completar o meu exame: quero estudal-o, comprehender a sua ideia, saber o objectivo d'aquella espaventosa posição que elle *seriamente* exhibe. Ha duas horas que elle percorre a cidade, procurando os logares mais centraes, entrando em todas as igrejas para ser visto, pendurando na bocca um charuto de grandes dimensões, olhando-se a todos os espelhos que vê nos estabelecimentos, desejando, enfim, expandir a sua indole de personagem inutil, de burguez vaidoso. Parece-me que possui um temperamento de nevropatha: de instante a instante faz com a rosto umas visagens engraçadas, que o compararam momentaneamente a um idiota inoffensivo, a um maniaco vulgar. Tem um defeito physico, coitado, que já fez rir uma dama que deixamos n'uma janella alli em baixo: troca a vista, e o que me parece, lhe causa immenso pesar. Julgo que lhe pareceu rigorosa a insisten-

cia com que o fito, o interesse crescente com que o sigo.

Vae sentar-se em um jardim que fica alli em frente, no banco mais exposto á vista dos transeuntes.

Sem cuidar vae confundir-se com as plantas, exóticas como elle, mas cuja simplicidade contrasta singularmente com a sua ridicula ostentação, com a sua original figura de *bonéco*. Não o acho perfeitamente ridiculo; mas encontro n'elle o que quer que seja de artificial, de presumpçoso, de inutil, que violentamente me perturba os nervos. Agora passa a revista a todas as damas, trôpegas e airosas, que constantemente transitam pela nossa frente. Vou encetar conversação com elle, ouvir a descripção do seu Ideal, consultar os seus projectos de moço. Talvez as suas palavras sejam a antithese da ideia que fórmo da sua presença effeminada e de palhaço. Interrogo-o delicadamente, dando ás minhas palavras um sentido diverso d'aquella que deve elucidar o exame que propuz fazer. Falla com custo, demorando as palavras. Diz-me com simplicidade que não tem Ideal, não tem projectos, nunca soube, no sentido completo da palavra, o que é a vida; e eu que conclui a minha analyse, cumprimento-o e retiro-me polidamente.

Os homens, como as artes, tem os seus periodos de engrandecimentos e as suas épocas de ruina. No estado actual os homens gravitam levianamente, vegetam sem procurar um alvo. E o que é a vida que caminha incertamente, sem uma bussola, sem leme, sem uma luz que lhe oriente o espirito? Se os homens do seculo XV fossem como nós, as gerações actuaes, o cognome do rei Manoel I não podia ser o de

venturoso; merecia, como o do rei de hoje, o epitheto de caçador ou indolente, devasso ou escandaloso. Os homens do tempo presente não adquiriram positivamente o qualificativo com que os honram. São homens porque os seus antepassados o foram, porque os seus avós assim lhes chamaram. Os homens da primeira phase dynastica trabalharam para construir uma nação; os homens do seculo XX dissipam, com fóros de auctoridade indiscutivel, os fragmentos de um paiz que lhe coube em herança legitima.

Homens *bonécos*, inutilidades sensiveis, pavoneiam e enfeitam-se para enganar uma mulher rica.

Será de um homem o retrato que anteriormente esbocei? Não! Um homem trabalha no campo, faz umas botas, corta um facto, calceia uma rua, construe um edificio, augmenta a litteratura, enriquece as artes, destroe com uma bomba um poder absurdo. Fará isso o transeunte que veste largo sobretudo, calça luvas sebentas e botas de ongo bico? Não! Este procura mostrar-se para lhe chamarem um homem da moda; aquelles trabalham para viverem, para serem uteis, para não serem pesados á humanidade. Assim, o homem do *parisiense* que eu analysei, que eu segui instinctivamente é o symbolo de tres quartas partes dos nossos contemporaneos, coisas superfluas que o gesto de um homem do seculo XV faria morrer de medo. Em outros tempos, de um guardador de porcos fez-se um papa; hoje de um *peralta* enfatuado e amante dos preconceitos não se faz um homem, uma coisa necessaria, uma existencia mais valiosa que um irracional. Sobre as reminiscencias do passado póde-se construir uma epopeia gloriosa; sobre as vergo-

nhas dos factos actuaes póde-se elevar um tumulo.

Maria Prado.

N. R.—Este artigo foi offerecido, em tempo, á redacção do nosso collega mensal a revista «Alerta». Em vista d'aquelle mensario ter suspenso a publicação fez-nos, o seu illustrado ex-director sr. Domingos Ferreira, offerta do presente original, o que sobremaneira nos honra.

Patenteiamos aqui os nossos agradecimentos ao illustrado collega.

## Prevenção

Fazemol-a aos nossos assignantes e correspondentes de que — em virtude de no dia 10 do proximo mez ter de começar a publicar-se trimensalmente «A Fraternidade» — não sahirá no dia 30 do mez actual esta folha.

Tambem prevenimos os nossos assignantes de que terminando com este numero o 3.º semestre da publicação d'este jornal e em virtude da sua passagem a publicação trimensal, consideramos liquidadas todas as assignaturas, até este numero, e que só serão contados, para o fim da cobrança, o numero 37 e seguintes.

Por esta rasão, os numeros até hoje recebidos pelos nossos assignantes e que não foram pagos, são gratuitos; pedindo nós em troca d'isto a continuação do favor que nos tem prestado e que é assignarem «A Fraternidade», para que o seu programma apresentado no numero 34 e a sua vida seja mais um triumpho para a causa que advogamos.

## Contra as moscas

Felix Florian, n'uma chronica que publica n'um jornal de Santiago de Compostella sobre o congresso de hygiene ha pouco realisado em Paris, diz que os recentes e serios estudos dos hygienistas não demonstrado que as moscas, esses sucios desvergonhados e insupportaveis insectos que se nos montam no nariz sem pedir licença e nos importunam de mil maneiras, são os principaes vehiculos do colera e de outras terribes enfermidades.

Um grande periodico parisiense abriu um concurso, offerecendo um premio de dez mil francos ao feliz inventor do remedio mais efficaz para destruir bichos tão perigosos.

## Lisboa á penna

**A agitação da classe—Os luctadores de ha seis annos—A promessa do chefe do governo—Modo de se obter a lei do descanso—Historia d'um telegramma, etc.**

Agita-se de novo a classe dos empregados do commercio no sentido de obter o descanso semanal. Em Lisboa os caixeiros teem realisado trabalhos que promettem conduzir a resultados praticos se continuarem a ser orientados como até aqui, o que é devido á intelligente iniciativa de Sá Pereira, o devotado propagandista do socialismo. Do Porto tambem nos chegam noticias de que alguma coisa se fará no sentido de agir o governo a promulgar uma lei reguladora de tal assumpto. Vejo á frente do movimento Leite Ribeiro, um excellent rapaz que pertenceu á brillante pleiade dos mais destemidos luctadores da classe. Esses rapazes estão hoje todos dispersos e distantes uns dos outros.

Em 6 annos emigraram para o Brazil e Africa uns, outros vieram para Lisboa e todos dispersaram, talvez para sempre. O celebre Grupo dos XXI, que era então a guarda avançada dos bellos empreendimentos collectivos, atesta exuberantemente o amor e a energia com que então se luctava.

«Ha seis annos! Como o tempo passa depressa e que profunda tristeza sentimos ao recordar esse passado que nos parece tão longinquo!

O presidente do conselho fez no Porto a promessa solemne de que se occuparia a valer do descanso semanal que elle reputa aspiração legitima (pudera não) d'uma classe digna. Se a classe enguliu a pilula que elle habilmente confeccionou para a caça dos votos, fez mal, porque nada lucrará com isso.

Para conseguirem uma lei no sentido desejado é necessario que os empregados do commercio deixem a inercia em que teem vivido e desatem a exigir em voz b. m. sonora o cumprimento de tantas promessas feitas. Quem escreve estas linhas lida de perto com o sr. João Franco, e pôde lhes afirmar que elle encarregou, de facto, um seu correligionario de confeccionar um projecto de lei sobre o descanso semanal que tenciona ler nas camaras para impressionar bem, não se importando mais d'elle e desinteressando-se por completo da sua discussão.

Agora, se os chamados *paladinos*, ou os chefes da classe dos caixeiros iniciarem um forte movimento que dê brado pela cohesão e energia d'ataque, podem estar seguros que lhes chegou a vez de conseguirem a mais modesta das suas pretensões.

Para isso é preciso que chamem para a lucta os *velhos*, que são experimentados e podem dirigir á impetuosidade dos novos luctadores.

E' preciso que se deixem de

andar a acreditar nas promessas d'este ou aquelle deputado, porque elles fazem o que o chefe do governo lhes diz, ou o *leader* do seu partido, e nunca o que pretendem, especialmente em assumpto como este. A proposito lembra-nos da ingenuidade com que d'antes, quando andava mos metti-los no movimento, se acreditava em panacéas como esta, succedida com um antigo presidente da associação do Porto que veio a Lisboa, em viagem paga pela associação, tratar do magno assumpto, e que apenas cá chegou mandou este despacho:

«Fallei deputado Brandão que prometeu tratar da nossa pretensão».

Quando este telegramma chegou á associação do Porto foi logo affixado n'um corredor em frente á entrada para a sala das sessões e vivamente elogiada a actividade do presidente que conseguiu fallar com o deputado Brandão. Os pobres empregados do commercio, que, como eu, anciavam pela obtenção d'uma regalia por que tanto se luctava, quasi disputavam a socco a leitura de tão importante communicação. Ah! que honra e que actividade a do presidente—consequindo fallar ao deputado Brandão! Ingenuos!...

Não sei o acolhimento que terão essas insignificantes linhas, escriptas a correr como os *linguados* o indicam, mas se for benevolo continuarei a abusar das columnas d'este jornal que, deixem-me dizer-lhes, honra a imprensa e merece, como nenhum outro, que os caixeiros o auxiliem e lhe tornem a sua vida desafogada e prospera, com o que todos terão a lucrar. O artigo ultimo, em forma de programma, é um libello que todos deviam profundar bem. Que de verdades!...

Alfredo A. Pinto.

(VERO)

## Ruidos do Lima

**A «Fraternidade» progredindo—O sr. João Franco protegendo-nos—A classe agitando-se.**

No decorrer do seu 2.º anno de existencia acaba de, *A Fraternidade*, levada por um impulso violento do seu director, nos mimosear com valiosos melhoramentos e uma completa recomposição material.

De ha tempos que este arrojado e valente campeão nos vem defendendo denodadamente, não poupando esforços e sacrificios nem desviando-se da linha recta, digna e imparcial em que sempre se tem mantido.

Todavia, apesar de desde a sua fundação saber cumprir rigorosamente com o dever que lhe cabe conservando-se a nós unido como o seu titulo o requer, apresentando-nos sempre uma collaboração distinctissima, pugnando intrasigentemente e circulando com uma propaganda tenaz, energica e persistente, agora

muito melhor nos apparece continuando a trilhar a estrada honrosa e seguindo o que relatou no seu *caminho futuro*, por o que tem o apoio da classe em geral.

E' este hoje um dos nossos mais acerrimos combatentes e sinceros luctadores.

Avança celere a caminho do progresso; e é isso, justamente, o que do fundo d'alma mais lhe appetecemos; pois que um passo d'este, ou d'outro nosso campeão ultrapassa todo o movimento da classe inteira.

E' o nosso Portugal um dos paizes que apregôa mais civilisação, e é a nosso ver o que mais atrazado está sobre esse ponto.

E' porque? Quem dá motivo a isso?

A razão é simples: não desconhecem por certo os leitores que o homem, para obter a illustração, instrucção, civilisação, e todos os demais predicados para por todos ser condignamente respeitado e considerado como um espirito esclarecido, sensato e justo, precisa de **liberdade**.

Sem liberdade não poderá instruir-se, illustrar-se e occupar no convívio social um lugar honroso.

Sem liberdade, depinha-se, decrepita-se, não se pôde respirar o ar leve e puro, nem viver hygienicamente no nosso meio pequeno.

Sem liberdade nada vale, nenhum prestigio tem, emfim é um homem completamente inutil.

Ora, ha cerca de vinte e cinco annos que uma classe inteira, talvez a mais numerosa reclama humildemente dos altos poderes uma lei que lhe garanta inquebrantavelmente a boa regularidade de uma justa e sacratissima causa a que tem jús todo aquelle que trabalha quotidianamente sem um momento de descanso e sem que ao menos em sete dias de laboração lhe seja concedida um, para distracção do seu espirito.

Porém até a presente data nada teem feito os senhores governantes a favor da nossa classe, apesar das ininterruptas promessas que nos teem feito e dos gritos e reclamações dos opprimidos, que pessoalmente ou por intermedio jornalístico lhes dirigem.

E eis como Portugal é um paiz civilisado!!!...

E' por isso que nunca poderemos olvidar a nossa querida *Fraternidade* e os demais orgãos da nossa classe, fazendo votos pelo seu desenvolvimento, e que sempre **caminhemos progredindo**.

—Emfim, depois de tanto labutar energicamente a caminho de um dever, depois de tanto pelear, combater, reclamar, pedir, peticionar, fazendo nós os maiores esforços e sacrificios, depois de tudo isto... apparece-nos um coração benigno, uma alma caridosa (!) que achando-nos ao abandono n'esta injustificada lethargia sem uma mão piedosa que nos libertasse do

nosso soffrer, se compadeceu de nós, sem reclamações nem pedidos, sem interesses e de seu voto proprio, livre e espontaneamente nos disse:

«Não percaes—rapazes—as vossas esperanças, porque eu, resolvido a combater o que ha de execravel e favorecer o que fôr justo, vos heide dar tambem o que tão acertadamente reclamaes, o *descanso dominical*. Na abertura das côrtes um dos meus ministros apresentará a proposta á discussão.»

Estas colorosas palavras ou outras semelhantes, vieram imbuir em nossos corações uma immensa felicidade e um campo infinito de sublimes esperanças.

Esse homem, esse nosso protector que tão desinteressadamente nos prometeu estabelecer uma lei obrigatoria do encerramento das lojas ao domingo, é o que hoje occupa com altivez e estrategicamente o mais alto logar nas cadeiras ministeriaes, — o sr. **João Franco**.

Portanto, confrades, não perder o animo, energia e intrepidez, porque o *descanso dominical* por lei em breve será um facto.

E eis como o sr. João Franco, pessoa de quem nunca nada esperamos, nos vem generosamente **protegendo**.

—Nunca até á epocha que vamos atravessando se conheceu no nosso paiz tão grande agitação a dentro da nossa classe, como agora.

Nos centros principaes, o Porto, Lisboa, districtos com provincias, trabalha-se em afan em prol da nossa causa.

E cada passo e em quasi todos os jornaes do paiz, nos vem surprehender noticias que por nós são jubilosamente recebidas, como adhesões que ultimamente se teem feito á distincta «União dos empregados do commercio do Porto», os trabalhos da grande commissão do descanso a quem d'aqui enviamos as nossas felicitações pelo seu modo correcto e imparcial como metteu hombros á ardua tarefa a encetar, ao mesmo tempo que manifestamos a nossa pequena adhesão desejando-lhe mil venturas e que os seus e nossos desejos sejam em breve cumpridos.

A classe despertou!

E' preciso que agora façamos resoar por todo o paiz o grito de **Alerta** incitando-os para a lucta, fazendo-lhes prever a realidade da nossa futura causa e qual os meios mais proprios a empregar para combatermos heroicamente.

Despertaes, confrades, fazei movimentar o vosso meio para que possamos então dizer mais desafogadamente no principio dos nossos escriptos: *A classe agitando-se!*

Ponte do Lima, 12—8—906.

Magalhães Junior

## A Classe em Lisboa

Noticias do nosso correspondente.—Descanso semanal

Tem a classe produzido nos ultimos tempos uma agitação razoavel, e por isso algumas medidas de grande alcance tem suggerido, e grandiosos trabalhos pela commissão do descanso, eleita no Congresso de 1904. Demos a palavra «Ao Caixaero.»

### Encerramento por lei

A convite do ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Carlos Lopes, reuniram ante-hontem, em conferencia com aquelle cavalheiro, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Theophilo da Fonseca, presidente do Atheneu Commercial de Lisboa, o nosso presado collega Sá Pereira, membro da commissão do Descanso da Zona Sul, o nosso velho amigo e companheiro de luctas, Barros Queiroz, membro da commissão da paz delegada do congresso de Lisboa, e Julio Silva, presidente da Associação de Classe dos Caixaeros de Lisboa.

O fim da reunião foi a velha questão do descanso, a qual—dentro da actual situação politica—está affecta ao Ex.<sup>mo</sup> dr. Carlos Lopes. Por este illustre clinico foi communicado aos presentes qual a missão que tomara a peito de accordo com o Ex.<sup>mo</sup> Chefe do seu partido, e que era a apresentação do projecto de lei regulando o descanso de 1 dia após 6 de trabalho e para o que, desejava colligir dados que certamente os presentes, como conhecedores do movimento da sua classe no paiz, lhe podiam fornecer.

Julio Silva apresentou então, apoiado em trabalhos feitos quando da representação ao governo regenerador e ainda de outros a que ultimamente se tem procedido, diversas bases tendentes a mulher e mais harmonica maneira de regular o encerramento em conformidade com as necessidades locais, sem prejuizo de quem quer que seja.

Sá Pereira aponta tambem a necessidade de que a lei seja rigorosa, a ponto de não permitir abusos, como estão succedendo no encerramento por convenção, em que os patrões, a titulo de limpezas, arrumações, marcar fazenda, etc. etc., fazem com que todos os domingos o empregado esteja na loja até que horas da tarde.

O sr. Theophilo da Fonseca diz ter recebido do Atheneu, ao ser-lhe conferido o cargo de presidente da meza, a communicação de que fazia parte da commissão do descanso, o que accetára por ser apologista do encerramento e julgá-lo bom tanto para empregados, como para os patrões. O que pôde é não concordar com algumas tarraças que se pretende introduzir na lei.

Barros Queiroz, bastante conhecedor do assumpto, cita factos do encerramento por convenção, vê a necessidade de se pôr um dique aos abusos, e porque está d'alma e coração com a causa dos seus antigos companheiros, está alli como amigo de todos os presentes a prompto como sempre a dar o seu con-

curso a uma tão justa e antiga reclamação da classe.

O ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Carlos Lopes disse que ia redigir o projecto de lei, ao qual se referiria na reunião que tem logar amanhã no Centro que tem o seu nome, e que depois de confeccionado, convocaria os presentes a uma reunião para se discutir, artigo por artigo, o referido projecto.

Julio Silva, em nome da commissão de descanso da Zona Sul, delegada do 2.<sup>o</sup> congresso da classe e da qual é um dos presidentes, communicou ao ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Carlos Lopes, que, de accordo mutuo com a sua congenere do norte, iriam entregar ao ex.<sup>mo</sup> presidente do conselho de ministros a representação collectiva da classe, conforme fôra determinado no referido congresso e por esse motivo solicitava desde já de sua ex.<sup>a</sup> a apresentação das commissões respectivas ao ex.<sup>mo</sup> sr. conselheiro João Franco para se desempenharem do mandato que lhes fôra commettido, ao que da melhor vontade accedeu o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Carlos Lopes, ficando assente que isso se realisaria após as eleições.

Ainda sobre o assumpto da lei se trocaram impressões, ficando o nosso dedicado amigo Barros Queiroz encarregado de aclarar qualquer duvida junto do ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Carlos Lopes, de quem é amigo pessoal e ao qual muito se deve o excellente aspecto da questão.

### Associação de Classe dos Caixaeros de Lisboa

Reuniu, como de costume, na passada terça-feira, a commissão administrativa d'esta prestimosa aggremação, estando presentes Luiz Pereira, Manoel Elias da Silva, Manoel de Moraes, Bento Rodrigues e Julio Silva.

Foram approvadas mais 5 propostas de novos candidatos a socios e tomado conhecimento de varios assumptos de expediente.

Julio Silva dá conta de varios trabalhos, a que tem procedido de ha muito, para a obtenção do encerramento por lei, e os quaes só hoje traz a lume, por entender que os melhores trabalhos a fazer actualmente para a consecução da lei do descanso, devem partir de bases solidas.

Historia o que por intermedio do nosso dedicado amigo e antigo collega Barros Queiroz, se passára com o Ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Carlos Lopes, a disposição do Ex.<sup>mo</sup> Presidente do Conselho em apoiar a lei, a declaração por elle feita de que entregava ao Dr. Carlos Lopes os trabalhos sobre o assumpto, o que confirmou depois no Porto, quando procurado pelos nossos collegas d'alli, que, em nome do Conselho Director da União, o entrevistaram, da correspondencia trocada entre as Commissões do Descanso de Lisboa e Porto, e ainda da reunião para que estava convocado pelo Ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Carlos Lopes.

Explana, em seguida, um programma de propaganda por meio de sessões e conferencias, como em tempo já fôra indicado, o que foi accetado pelos collegas e resolvido pôr em pratica logo a

seguir ao acto eleitoral, que n'este momento absorve quasi todos as atenções.

Luiz Pereira, lembra se renove a propaganda para angariar novos socios, imprimindo-se novas circulares que sejam profusamente distribuidas.

Elias da Silva, approva incondicionalmente, tanto mais que nos seus apontamentos trazia esse assumpto.

Moraes e Bento Rodrigues, tambem apoiam a ideia, e lembram ainda outros alvitres, que ficaram para estudar.

### Caixeiros de Drogeria

Reuniram novamente na quinta-feira os caixaeros de drogeria, sob a presidencia do collega Eurico de Paiva e Pona.

Pela commissão delegada da ultima reunião foram dadas contas do seu mandato respectivo ao encerramento no bairro da Mouraria, accentuando-se o bom acolhimento á pretensão, inclusivê do commerciante pirronico, que em face das boas palavras do collega Paiva se resolveu a acceder ao pedido da commissão.

N'esta reunião ficaram nomeadas varias commissões de vigilancia por diversos bairros, continuando depois por outras zonas a remover queresquer obstaculos até integral conclusão do seu mandato.

Tem para mim significativa sympathia a reunião, que se acaba de affectuar entre patrões, caixaeros e um delegado do governo, tal e qual como eu ha muito tenho preconizado: «que esse projecto devia ser confeccionado por dois patrões, dois caixaeros e um membro da escolha do governo».

Ôra succede justamente, o que por mais de uma vez tenho doutrinado, e por isso eu confiarei cegamente n'essa commissão, em que entram dois dos nossos mais devotados collegas, e dois patrões de seriedade e boa vontade, para levar a cabo o grande problema do descanso semanal.

Fui combatido na minha maneira de pensar, mas as consequencias são bem patentes; realisou-se o que desejava que se fizesse, embora no intimo continue a duvidar da proclamação da lei, que ha-de vir libertar-nos do jugo escravizador do patronato.

E' por isso a capital, que pouco reclame tem feito aos seus trabalhos, que dá uma lição á classe, que devendo achar-se filiada está de bocca aberta para o ar, á espera que lá lhe caia o fructo delicioso.

Termino hoje as minhas considerações levantando um *Viva aos trabalhadores da classe*, o um:

*Abaixo os traidores da nossa causa.*

Lisboa 12—8—906

Luiz Pereira.

### Falta de espaço

E' por esta razão que não publicamos os *Eccos da quinzena*, correspondencias de Brinches e de Grandola, secções *Livros Jornaes e Factos e ideias*, e outros escriptos.

Tudo isto vae para o proximo numero

## Charadas & enigmas

### N.º 1 Acrostico

Dedicado aos distinctos colaboradores da «Fraternidade».

S . . . . . Villa Portugueza  
A . . . . .  
L . . . . .  
V . . . . . Terra  
E . . . . . Villa  
Kíçai.

### N.º 2 Logographo por letras

Do grego sou uma lettra, 1-9-3-4  
Do Brasileiro um menino; 1-9-1-2  
Em Portuguez é sensata, 5-6-8-6-3-4  
Mas tambem é; quem tem tino  
7-6-7-2

Quereis conceito  
e com razão.  
Elle ahi vae,  
E' confusão.

Kíçai.

### N.º 3 Charadas

Adiciona las

Salpicão—3

—II—

Sobreceu—3.

Ipopo.

### N.º 4 Reduzidas

Colmo—3

—Ihi—

Solar—2.

Kíçai.

### N.º 5 Em phrase

Observei Caminho p'ra saudacão!—1-1

Xa Ves.

### N.º 6

Este Deus, tirou do craneo do Lucio o que o fazia ser pateta.

Kgu.

### N.º 7

Não sou eu, que com esta bagatella, te vá comprar um vestuario 1-2.

Ipopo.

### N.º 8 Em triangulo

Em qualquer casa verá  
Este liquido gorduroso  
Um assassino será.  
Que tem o tio Mattoso?  
Uma vogal ahi está.

Kgu.

### N.º 9 Biforme

Ella na mão; ella medida.—2

### N.º 11 Paronymo

Um certo cheiro de fructa.—

Kíçai.

### N.º 12 Enigma typographicco

(Ao denodado collega J. de Souza).

F JUSTO U MEDIDA NOTA AUS  
D DI PRIME A Ordem I A Quinzenario.

Xa Ves.

### N.º 10 Charada Syncopeado

3—Ella pelle, e perseguida—2

Xa Ves.

**Observações.**—Não damos publicação aos acrosticos sem regra. No numero de hoje apresenta o director charadisco, um para que se veja a fórma como devem ser feitos para terem publicidade. A correspondencia d'esta secção deve ser enviada a Antonio Cruz «Kíçai», Rua do Almada, 26, Porto.

### Correspondencia

—Xa Ves Continue que vae bem. Só lhe digo que tenha mais cuidado com os Enigmas Typographicos, no que o sr. lhe chama caracteristicos, isso é a João Franco?

Trabalhe tambem como decifrador, e lá irá. Ninguém nasce ensinado. Por hoje passa

Thomas Sampaio Carvalho.—Não precisa mandar as decifrações parciais porque eu sei bem o que fiz. Mande só a final e basta. As decifrações devem vir em bilhete postal.

**A "FRATERNIDADE", TRIMENSAL**

**Um appello.**

Conforme as promessas que fizemos e em cumprimento d'ellas, participamos aos nossos presados assignantes que a partir do próximo numero, este jornal será publicado nos dias 10, 20 e 30 de cada mez, apresentando aos leitores algumas secções novas e outras um pouco modificadas.

Isto confirma a sinceridade das nossas promessas e que procuramos cumprir, embora que com grande custo, o vastissimo e arrojado programma de melhoramentos a introduz n'esta folha, todos em proveito da classe e que a nossa imaginação idealizou.

A pouco e pouco—caminhando como aquelle que diz que *devagar se vae longe*—nós temos feito com que *A Fraternidade* tenha caminhado sempre, não deslustrando nunca o campo da imprensa em que milita, e tambem, de vagar, havemos de tornal-a de leitura interessante e educativa, pois que é este um dos principaes pontos do nosso penultimo editorial, o *caminho futuro*, onde se esboçou uma ideia e se apresentou uma orientação jornalística completamente desprendida de fórmulas velhas. Com isto não queremos dizer que emendamos agora erros, porque, felizmente, a nossa vida jornalística não tem tido erros a apontar nem leviandades a reprimir. Temos sido sempre sinceros e coerentes com o nosso pensar e temos adequado a nossa orientação ás necessidades da classe.

Fica, como dissemos, a partir do proximo numero, a publicar-se *A Fraternidade* trimensalmente.

O custo da assignatura será augmentado, porque tambem a nossa despesa, que é já avultada, augmenta muitissimo. E esperamos contar do nosso lado o apoio d'aquelles que nos tem auxiliado, porque é realmente agora, quando encetamos uma vida cheia de rectidão, fazendo do jornal o verdadeiro pregão da nossa justiça e o mais leal arauto e a mais sacrosanta tribuna para expormos sem receios o que sinceramente pensamos e sentimos.

E' agora, caixeiros, que precisamos da vossa adhesão ao nosso empreendimento, todo o amor e dedicação á vossa justissima causa: porque—dissemos—*sem receio e sem vaidades: pudereis encontrar muitos sinceros na defesa da vossa causa; podereis encontrar muitos convencidos de que se ha-de triumphar e podeis encontrar tambem muitos dedicados á causa que advogaes; mas garantimos-vos e garantimos-vos assim, em typo normando—que ninguém mais sincero do que nós nem com mais fé, vos acompanha, na primeira fileira, n'essa lucta de morte ou de vida que devemos iniciar, para a propaganda e triumpho completo da causa do descanso.*

E quem vos falla assim, e porque é sincero—sinceridade que não vem só d'agora, mas

que é de sempre, de ha 5 annos, que foi quando principiámos a luctar pelos caixeiros.

Sêde, pois, justos para conosco, dae-nos todo o auxilio de que carecemos, porque—quem dá auxilio á imprensa da classe, fornece polvora para combater o egoismo torpe que tanto avassalla o operario do balcão, da carteira e do armazem.

Sejámos muito embora avassallados, mas nunca consintámos em o sermos por culpa nossa.

Embora á custa de sacrificios, sejámos cidadãos livres!

**Vêr as coisas**

Que a nossa classe é, quasi que na generalidade, um tanto mal educada, difficilmente instruida, sem orientação segura e sensata, isso deprehende-se, bastando sómente procurar a analyse dos factos passados e presentes.

Quem se der ao cuidado de attentamente os verificar, ha-de fatalmente concluir por colher duas impressões bem differentes:— a primeira triste, deploravel, porque se vêem os proprios collegas mais interessados e que mais necessitam da lei do descanso, menos contribuem para o decedimento d'ella; a outra é mais ridente e consoladora: collegas dedicados, pondo o seu valor ao serviço da causa, acarretando para isso com toda a casta de sacrificios mas luctando sempre com dedicação e com enthusiasmo, com fé, e com amor...

Com a substituição do ultimo ministerio pelo do sr. João Franco, tomou a nossa causa melhor caminho, crendo muitos collegas ver o descanso por lei transformado em realidade.

Apparecem no entanto collegas, talvez movidos por paixões politicas, sendo certo que a nossa politica devia ser a classe inteira contribuir para a sua emancipação,—com ataques e insultos ao sr. João Franco, por lhes parecer impossivel o sr. João Franco dar-nos o descanso dominical. Declaro que não escrevo por sympathias ao partido do sr. João Franco, mas acho irrisorio o pensar d'esses collegas, e quando se trata de questões de interesse geral a politica deve ser *posta de lado*.

E depois—diz-me um collega chamando a minha attenção para os artigos em questão publicados nos ultimos numeros da *«Luz do Caixeiro»*—que se lucta com arrogancias antes do tempo? Está a pedir condemnação e eu reproveo este proceder.

Que se promovesse um movimento, agitando a classe em todo o paiz, como em 1903, no sentido de se representar collectivamente ao parlamento, isso mereceria o applauso sincero de todos, porque podiamos nos fazer lembrados no momento em que o chefe do governo se tivesse esquecido de nós.

Mas, a que vim eu?...

Dizer da minha opinião, e satisfazer a vontade ao collega que me escreveu e tambem dizer que concordo plenamente com o expendido nos artigos *«A situação»* e *«A nossa classe e o*

sr. João Franco» publicados no ultimo numero d'«A Luz».

R. Chaves.

Barcellos,—38—906.

**Correspondencias**

**Chaves, 2**

A redacção de *«A Fraternidade»* teve a amabilidade de me convidar para seu correspondente em Chaves, distincção que muito agradeço e a que procurarei corresponder o melhor que possa e com a lealdade que sempre me tem acompanhado na defesa da causa da classe.

Abi vae, pois, em breves palavras o que tenho a expor-lhes em cumprimento do dever que o meu cargo me impõe.

A classe dos empregados no commercio, aqui em Chaves, é numerosa, todavia, sem um unico collega de rasgo, de vontade e de iniciativa, que defenda a nossa classe; a qual, dia a dia, se vê cada vez mais afundar no lodo, na baixeza, subjugada ás tôrpes vontades dos patrões.

Na falta d'um jornal, nosso, proprio para defender a classe e que aqui tivesse sede, poderiamos nos ter servido dos jornaes de fóra para se dizer, ainda que em despreziosos artigos, qualquer coisa em abono da nossa causa, e fazendo ver o estado de atrazamento em que está isto por aqui, o que até agora se não tem feito.

Tentou, porém, tirar-nos de esse torpor, a importante folha barcellese *«A Fraternidade»* que, no desejo de levar o seu facho luminoso a toda a parte, até ao canto mais longiquo do paiz, onde haja empregados no commercio, fez com que chegasse até nós, uma carta pedindo-nos noticias do que se passa no commercio flaviense.

Bateu, infelizmente, a má porta.

Entretanto, farei por cumprir os deveres do espiuhoso cargo de que me incumbiram, tanto quanto possivel me seja.

Competencia e vontade, são duas coisas essenciaes para o seu bom desempenho; e esta ultima affirmo que a tenho, faltame, portanto, a primeira; mas todavia, diligenciarei o possivel para que agradem aos leitores as *Cartas Flavienses*, que sempre que possa escreverei, e ás quaes a presente vae servir de preambulo.

—No domingo passado, tivemos a visita de S. M. El-Rei, Chaves não era visitada pela familia real, sendo, por isso,

que, pela primeira vez, pisou terra transmontana.

Ha trinta e dois annos que aguardado o monarcha com entranhado affecto.

O povo do concelho e dos concelhos visinhos, talvez que em numero superior a vinfe mil pessoas, manifestou-se alegre, aclamando o rei com vivas delirantes.

S. M. ficou encantado com o vale que rodeia esta encantadora villa, tão cheia de recordações historicas.

Nas poucas horas que S. M. esteve em Chaves, mostrou-se sempre satisfeito, mostrando ficar n'elle gratas recordações, que nunca lhe esquecerão, e prometteu voltar a Chaves brevemente.

Vinha em automovel e acompanhavam-no os seus ajudantes de campo e dignitarios de serviço, conselheiros Teixeira de Sousa, José d'Azevedo e o Governador Civil do districto.

—Encontram-se n'este villa, em cobrança, os nossos particulares amigos srs. Antonio Pereira Guedes, Viriato e Constantino Silva, representantes de casas commerciaes do Porto e Lisboa.

Até breve.

G. R.

**Famalicão, 8**

Ha tempos que a classe local conseguiu dos patrões o encerramento das lojas, comprometendo-se estes a encerral-as ao meio dia.

Dá se porém o caso de que o encerramento é feito ás 2 horas como antigamente:—porque, o *espero que aquelle visinho feche* é aqui tão usado, que eu não sei se deva chamar a isto uma ganancia, se uma vontade de fazer demolir a obra que tanto custou a construir, a bem da civilização e da Humanidade.

E isto não deve nem pôde continuar assim. O patrão, cumpridor da sua palavra e apolo-gista da emancipação d'aquelles que trabalham uma semana inteira, deve collaborar ao mesmo tempo na nossa obra de redempção social.

E, debaixo d'este pensar, eu entendo que a direcção da nossa Associação deve cuidar do caso que apontamos e procurar que o encerramento comece á hora convencionada, que é ao meio dia.

Nós devemos avançar sempre, e nunca retroceder. E a nossa Associação, que tem progredido sempre, deve tambem fazer progredir a classe—ouviram?

Otsenre.

**“A FRATERNIDADE”**

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral  
BARCELLOS

Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>mo</sup>